



## Processo organizativo da juventude agroecológica no assentamento PDS Sepé Tiaraju

MOREIRA, Raissa da Cruz<sup>1</sup>;  
CARVALHO, Joelson Golçalves<sup>2</sup>

### RESUMO EXPANDIDO TRABALHO TÉCNICO-CIENTÍFICO

#### Grupo Temático: Economia Solidária, Juventude e Diversidades

#### Resumo

Este trabalho propõe investigar a interseção entre práticas agroecológicas e a organização da juventude no Assentamento PDS Sepé Tiaraju, na região de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo. Inicia contextualizando a ascensão do agronegócio na década de 1990 e a resposta do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) através da agroecologia e da reforma agrária. Destaca a criação dos Projetos de Desenvolvimento Sustentável (PDS) como alternativa ecologicamente viável e a formação do Assentamento Sepé Tiaraju como um modelo agroecológico em São Paulo. Descreve a constituição do assentamento e a divisão em núcleos para garantir diversidade de interesses. Identifica a emergência do Coletivo Agroecológico Juventude Sepé (CAJUS) em 2014 e questiona o engajamento dos jovens na agricultura familiar. Propõe uma abordagem qualitativa com observação participante, entrevistas e análise documental para compreender o impacto das práticas agroecológicas na organização juvenil.

**Palavras-chave:** Agroecologia; Juventude rural; Organização coletiva; Sociologia rural.

#### Introdução

No início da década de 1990, o agronegócio, caracterizado por grandes extensões de terras, monocultivo e uso intensivo de agrotóxicos, consolidou-se no Brasil, trazendo impactos ambientais negativos e focando na produção para o mercado externo. Um processo que invisibiliza outras formas de produção, tais como as formas de produção ancestrais e saberes populares presentes nas diretrizes da agroecologia (Stédile, 2013).

Em resposta a esse modelo hegemônico, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) promoveu a reforma agrária e a agroecologia como alternativas para uma

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Carlos, raissacruz@estudante.ufscar.br

<sup>2</sup> Universidade Federal de São Carlos, joelson@ufscar.br



agricultura mais justa e sustentável, que contribui para a soberania e segurança alimentar e nutricional da população (Borsatto, 2013). Ressalta-se que este trabalho de pesquisa entende a agroecologia como uma ferramenta que modifica a realidade rural por meio da ação coletiva, que, baseando-se nos conhecimentos tradicionais dos agricultores e povos originários, avança em adaptações tecnológicas e inovações tecnossociais. Esta perspectiva é corroborada por autores como Rosset e Altieri (2022, p. 44-45), que afirmam que “a agroecologia é vista como uma ciência aplicada inserida em um contexto social, problematizando as relações de produção capitalistas e aliando-se aos movimentos sociais agrários”.

Nesse contexto, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) criou, em 1999, os PDSs, assentamentos que combinam produção agrícola com conservação ambiental (Lavratti, 2014). O Assentamento Sepé Tiaraju, sendo um dos primeiros PDS de São Paulo, surgiu após intensas mobilizações sociais na região de Ribeirão Preto, conhecida como “Capital do Agronegócio”. Sua homologação, ocorrida em 2004, destinou a área para reforma agrária, transformando-o em um assentamento federal. A escolha pelo modelo PDS foi motivada pela necessidade de reparação de uma área que havia sido historicamente esgotada pelo monocultivo de cana e pelo uso intensivo de agrotóxicos, sendo também importante zona de recarga do aquífero Guarani.

Composto por 80 famílias, o assentamento tem a agroecologia como princípio norteador, visando práticas agrícolas de baixo impacto ambiental e fortalecimento da comunidade (Carvalho, 2011; Scopinho *et al.*, 2007). Conforme Guhur e Silva (2022), a agroecologia, sendo inseparável da reforma agrária, possui uma capacidade produtiva e de desenvolvimento coletivo, principalmente nos territórios de assentamentos rurais, pois a sua compreensão ecológica gera um reconhecimento das pessoas como participantes da teia da vida.

Mesmo com o processo de discussão e conscientização sobre agroecologia feito pelo MST desde a fase do acampamento, ainda era preciso criar mecanismos para que os conhecimentos agroecológicos fossem incorporados pelas famílias e adequados à realidade do local (Nobre *et al.* 2011). Dessa forma, em 2005, um grupo de agroecologia da Embrapa Meio Ambiente, o INCRA e outros apoiadores iniciaram um processo de construção coletiva de conhecimentos agroecológicos com foco em Sistemas Agroflorestais (SAFs) e, de acordo com Ramos Filho (2022), existe uma importância na inclusão da Embrapa nesse processo, já que a proposta de transição agroecológica da Embrapa possui uma maior ênfase na dimensão política e, em especial, na necessidade de uma cooperação social. É importante notar que muitos agricultores, segundo Miqueias Marques Lima<sup>3</sup>, já praticavam técnicas de cultivo que se assemelhavam aos princípios agroecológicos, mesmo sem conhecer o termo, demonstrando a presença de um conhecimento popular e tradicional pré-existente no assentamento, dada a pluralidade de origens das famílias assentadas.

A pauta agroecológica desencadeou a criação de organizações coletivas específicas no território, que desenvolveram projetos agroecológicos de diversos âmbitos. Em 2016, para abordar as questões da juventude rural, foi criado o Coletivo Agroecológico Juventude Sepé (CAJUS), focado em práticas agroecológicas e



organização coletiva dos jovens. Dito isso, o trabalho tem como objetivo investigar de que maneira as práticas agroecológicas influenciam a organização coletiva da juventude no Assentamento PDS Sepé Tiaraju, em Serrana e Serra Azul (SP). Para isso, propõe-se: (1) caracterizar historicamente o assentamento enquanto Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS); (2) identificar e descrever práticas de produção e formação em agroecologia; (3) analisar formas de organização coletiva da juventude rural; e (4) compreender as expectativas e modos de participação dos jovens nas atividades agroecológicas e coletivas.

## Metodologia

A pesquisa pretendida se insere no rol das metodologias qualitativas. Busca-se, por meio do estudo de caso, examinar e refletir sobre um fenômeno concreto para obter um entendimento de atividades sociais e humanas (Collis; Hussey, 2005). A intencionalidade do recorte metodológico utilizado para esse projeto parte do entendimento do assentamento como *locus* privilegiado para a pesquisa proposta referente ao atravessamento da agroecologia na organização coletiva da juventude. Adota uma abordagem qualitativa, utilizando o estudo de caso como método para examinar e refletir sobre a interseção da agroecologia na organização coletiva da juventude no Assentamento Sepé Tiaraju.

Este trabalho contou com uma triangulação de procedimentos metodológicos, incluindo observação participante, entrevista semiestruturada com uma liderança local – Miqueias Marques Lima – e revisão bibliográfica. Ademais, foram analisados os dados levantados e fornecidos pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão Rural (NuPER) no projeto de extensão de Mapeamento de Práticas Agroecológicas em Assentamentos Rurais e Comunidade Quilombolas de São Paulo em novembro de 2024, que buscou identificar os sistemas de produção agroecológicos presentes nos assentamentos federais de São Paulo. Para a continuidade do trabalho, em momento posterior, serão conduzidas novas entrevistas semiestruturadas com os jovens para compreender as dinâmicas que levaram à formação da organização coletiva da juventude e o impacto das práticas agroecológicas nesse processo.

## Resultados e Discussão

Os resultados preliminares desta pesquisa revelam a emergência e consolidação do Coletivo Agroecológico Juventude Sepé como uma importante instância de organização e ação no Assentamento PDS Sepé Tiaraju. Iniciado em 2016, o CAJUS surge como uma resposta à necessidade de compreender e promover a participação ativa dos jovens assentados nas práticas agroecológicas e nas atividades coletivas do assentamento. Na entrevista já relatada, Miqueias destaca que o CAJUS nasceu da pauta da agroecologia e agrofloresta, inicialmente com foco na comercialização para gerar renda para os jovens, um processo que se iniciou em 2014. No entanto, o grupo enfrentou desafios significativos, como a falta de veículo e



produção própria, dificultando o processo de comercialização inicial. Com isso, o grupo começa a realizar espaços formativos e debates políticos sociais para compreender o papel do jovem nos espaços do assentamento e sua inserção nas práticas agroecológicas do território.

Historicamente, a implantação de SAFs no assentamento passou de 5 famílias em 2006, com o apoio da Embrapa, para 35 famílias em 2015, impulsionada pelo Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável (PDRS) da Secretaria do Meio Ambiente, que viabilizou mudas, sementes e ferramentas para manutenção, com 30 novas implantações e 5 enriquecimentos. Esse avanço esteve associado não apenas ao acesso a políticas públicas, mas também ao fortalecimento de redes locais de apoio técnico e à valorização do conhecimento agroecológico entre os assentados. Atualmente, estima-se que entre 20 e 25 famílias trabalham ativamente com agrofloresta no assentamento, sendo 14 delas organizadas na associação denominada Agrofloreteiros, que vem assumindo papel estratégico na produção, comercialização e no incentivo à formação de novos agrofloreteiros no território.

A partir do trabalho de campo, pode-se inferir que há uma expressiva diversidade de sistemas de produção, incluindo quintais produtivos, hortas orgânicas, fruticultura orgânica, culturas temporárias (como soja, milho, feijão e mandioca) e Sistemas Agrofloretais. As principais fontes de água utilizadas para cultivo e irrigação são poços individuais e coletivos, o que evidencia tanto a autogestão quanto os limites estruturais do território. Contudo, para além das práticas produtivas, a agroecologia também se manifesta em espaços de debate político e de formação social, não apenas como um modelo de produção, mas como referência político-epistemológica que orienta formas de organização coletiva e articulação comunitária e territorial.

Os dados já coletados indicam que o CAJUS tem papel relevante na articulação e fortalecimento das práticas agroecológicas entre os jovens, promovendo uma consciência crítica sobre a agroecologia como modo de vida e produção sustentável. O coletivo tem se consolidado como espaço de aprendizado e empoderamento, proporcionando formação, trocas de experiências e engajamento político. No PDS Sepé Tiaraju, os jovens assentados têm papel central em atividades de produção, comercialização e cultura, com destaque para sua liderança na Associação Agrofloreteiros, formalizada em abril de 2024, cuja diretoria é majoritariamente jovem. A presença da juventude nesses espaços evidencia uma transição geracional e aponta para o fortalecimento de sua atuação, como expressa Miqueias Marques Lima ao afirmar que a agroecologia oferece ferramentas para enfrentar desafios e promover pertencimento.

A trajetória individual de jovens como o líder entrevistado, que anteriormente buscava se distanciar da reforma agrária e do assentamento em razão do preconceito vivido na cidade e no ambiente escolar, evidencia o papel transformador da agroecologia. O contato com esse campo de saberes e práticas possibilitou a ressignificação de sua identidade, fortalecendo o vínculo com a vida no campo e despertando o desejo de permanecer e atuar no território de forma engajada.



## Considerações Finais

As reflexões provenientes desta pesquisa evidenciam a relevância da agroecologia como uma abordagem transformadora no contexto do Assentamento PDS Sepé Tiaraju, especialmente no que diz respeito à organização coletiva da juventude. A emergência do Coletivo Agroecológico Juventude Sepé demonstra não apenas o interesse dos jovens assentados na adoção e promoção de práticas agroecológicas, mas também a necessidade de espaços de articulação e empoderamento para essa parcela da comunidade.

Os resultados preliminares destacam o papel fundamental do CAJUS na disseminação do conhecimento agroecológico, na formação de uma consciência crítica e na promoção da participação ativa dos jovens na transformação social e ambiental do assentamento. Também evidenciam a importância de estratégias de educação e mobilização que integrem os jovens às atividades coletivas e à gestão sustentável dos recursos naturais. A experiência do PDRS, que ampliou o número de famílias em SAFs, e a atuação de grupos como a Associação Agrofloresteiros e o coletivo de mulheres ilustram a capacidade de articulação do assentamento e a receptividade da comunidade à agroecologia. A percepção dos jovens de que a agroecologia é mais do que técnica — sendo um caminho para dignidade e ressignificação da vida no campo — é essencial para sua permanência e engajamento, funcionando como suporte às lutas e orientação frente à lógica mercantil da terra.

Apesar dos avanços, persistem desafios importantes, como o acesso limitado a recursos e tecnologias agroecológicas, a necessidade de fortalecer redes de apoio e de enfrentar a influência do agronegócio na região. Questões como a geração de renda e a autonomia também limitam a participação de parte da juventude, que muitas vezes precisa conciliar atividades no assentamento com o trabalho externo. Ainda assim, o engajamento e a busca por soluções coletivas evidenciam a resiliência e a capacidade de organização dos jovens. Nesse contexto, torna-se essencial que políticas públicas e iniciativas locais apoiem e fortaleçam as práticas agroecológicas, reconhecendo a juventude como protagonista na construção de sistemas alimentares mais justos e sustentáveis.

## Agradecimentos

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro para a realização deste trabalho e ao Núcleo de Pesquisa e Extensão Rural (NuPER) pelo apoio no desenvolvimento desse projeto.

## Referências



BORSATTO, Ricardo Serra; CARMO, Maristela Simões. A construção do discurso agroecológico no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 51, p. 645-660, 2013.

CARVALHO, Joelson Gonçalves de. **Questão Agrária e Assentamentos Rurais no Estado de São Paulo**: o caso da região administrativa de Ribeirão Preto. 2011. 233 f. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

COLLIS, Jill.; HUSSEY, Roger. **Pesquisa em administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

GUHUR, Dominique; SILVA, Nivia Regina; **Dicionário de agroecologia e educação**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: EPSJV, 2022.

LAVRATTI, Edivar C. **Projeto de Desenvolvimento Sustentável Sepé Tiarajú**: Desafios de uma experiência de agricultura familiar na região de Ribeirão Preto. 2014. 59p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Geografia), Universidade de Brasília, Barretos, 2014.

NOBRE, Henderson. Gonçalves et al. A experiência dos agricultores agroflorestais do assentamento Sepé Tiaraju. **Revista Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 18-23, 2011.

RAMOS FILHO, Luiz. Octávio. Algumas considerações teórico-conceituais sobre sustentabilidade, agroecologia e transição agroecológica. In: Carvalho. Joelson. Gonçalves. et al. **Formação de agentes populares em agroecologia**. São Carlos, SP. EdUFSCar, 2022.

ROSSET, Peter M.; ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia**: ciência e política. Tradução de Rafael Tatemoto. São Paulo: Editora Unesp; Editora Expressão Popular; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2022.

SCOPINHO, Rosemeire Aparecida et al. O processo organizativo do assentamento Sepé Tiaraju-SP: novos ânimos no cenário dos movimentos sociais da região de Ribeirão Preto. **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária**, Campinas, v. 34, n. 1, p.149-176, 2007.

STÉDILE, João Pedro. (org.). **A questão agrária no Brasil**: Debate sobre a situação e perspectivas da reforma agrária na década de 2000. São Paulo: Expressão Popular, 2013.